Dinâmica Familiar Disfuncional e Dependência Química: A Herança dos Padrões Transgeracionais.

Autor(res)

Savia Sousa Rodrigues
Alicy Ferreira
Maria Luiza Alves Moreira

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA DE UBERLÂNDIA

Introdução

A dependência química envolve alterações fisiológicas, como tolerância e abstinência, além de comportamentos compulsivos e prejuízos sociais, familiares e profissionais. É um fenômeno multifatorial que exige compreensão pelo modelo biopsicossocial, considerando fatores biológicos, psicológicos e sociais que interagem ao longo da vida.

Dinâmicas familiares marcadas por comunicação deficiente, conflitos não resolvidos, papéis confusos, abusos, negligência emocional ou instabilidade prejudicam o desenvolvimento afetivo, a regulação emocional e a construção de identidade segura. Nessas condições, crianças e adolescentes têm maior probabilidade de adotar comportamentos de risco, incluindo o uso de substâncias, especialmente quando faltam apoio, limites claros ou modelos positivos.

Adolescentes de famílias com baixa supervisão, pouco afeto ou instabilidade conjugal apresentam maior vulnerabilidade a problemas de saúde mental, evasão escolar, dificuldades de socialização e uso problemático de drogas. Filhos de dependentes químicos têm risco elevado de desenvolver transtornos psiquiátricos, padrões de dependência e comportamentos autodestrutivos, evidenciando a influência do ambiente familiar e a transmissão de hábitos e crenças.

A dependência química tem caráter transgeracional, sendo transmitida por comportamentos, crenças internalizadas, modos de regulação afetiva, experiências de trauma e naturalização do uso de substâncias. Pesquisas indicam que traumas, mesmo não verbalizados, moldam subjetividades posteriores, afetando emoções, relações e escolhas de vida. Isso reforça a necessidade de intervenções que considerem o indivíduo e seu contexto familiar, social e emocional, prevenindo padrões de vulnerabilidade e promovendo resiliência ao longo das gerações.

Objetivo

Investigar como a dinâmica de famílias disfuncionais influencia a herança transgeracional da dependência

química, analisando os fatores biopsicossociais que aumentam a vulnerabilidade emocional e contribuem para a perpetuação do sofrimento psíquico entre gerações, considerando comunicação, vínculos afetivos, traumas e padrões de comportamento familiar.

Material e Métodos

Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter exploratório e descritivo, baseado em revisão bibliográfica de artigos, livros e dissertações disponíveis em bases nacionais e internacionais, como SciELO, PubMed e Google Scholar. Foram priorizadas publicações dos últimos 15 anos, em português e inglês, que abordassem dependência química, dinâmicas familiares disfuncionais e transgeracionalidade psíquica. O material foi analisado por meio de leitura crítica e síntese temática, permitindo a identificação de categorias relacionadas a fatores emocionais, sociais e culturais.

Resultados e Discussão

A análise da literatura evidenciou que a dependência química não deve ser compreendida apenas como fenômeno individual, mas como resultado de múltiplas interações no contexto familiar, neurológico e social. Famílias com dinâmicas disfuncionais, comunicação deficiente, fronteiras frágeis, hierarquia instável, papéis parentais confusos, negligência afetiva, abusos e instabilidade criam um ambiente propício para a reprodução de padrões de vulnerabilidade emocional e comportamental, influenciando diretamente a forma como os indivíduos lidam com emoções, estresse, vínculos afetivos e relações interpessoais ao longo da vida.

Segundo Minuchin, a dependência química é um reflexo da organização do sistema familiar. A falta de estrutura, de limites claros e de supervisão adequada pode favorecer o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos e o uso de substâncias, perpetuando vulnerabilidades emocionais entre gerações. O modelo biopsicossocial integra fatores biológicos, psicológicos e sociais, mostrando que a transmissão intergeracional não ocorre apenas por predisposição genética, mas sobretudo pela repetição de padrões relacionais internalizados desde a infância, que se manifestam na forma como indivíduos estabelecem vínculos, regulam emoções e reagem a frustrações e desafios cotidianos. De acordo com Maté, quando o desenvolvimento não é saudável na infância, feridas emocionais profundas se mantêm ao longo da vida, e o contato com drogas pode funcionar como uma estratégia de sobrevivência, anestesiando o sofrimento e preenchendo, ainda que de forma ilusória, o vazio deixado por vínculos afetivos frágeis ou ausentes.

A neurobiologia do apego reforça que traumas na infância prejudicam o desenvolvimento cerebral, afetando a regulação emocional, o autocontrole e o sistema de recompensa, tornando o indivíduo mais vulnerável à busca de prazeres imediatos e intensos. Estruturas cerebrais como a amígdala e o córtex pré-frontal, essenciais para o controle do estresse e a tomada de decisão, também sofrem impactos negativos, comprometendo a capacidade de lidar com frustrações, estabelecer comportamentos adaptativos e desenvolver resiliência emocional ao longo da vida. Portanto, a dependência química não deve ser compreendida como escolha individual ou falha moral, mas como resultado de um contexto negligenciado, que fragiliza os mecanismos naturais de regulação emocional e de prazer.

Minuchin (1974) ressaltou que famílias em contextos vulneráveis enfrentam sobrecarga física e emocional, comprometendo a manutenção de limites claros, a regulação emocional e a coesão familiar, favorecendo a dependência ao longo da vida. Bowen (1978) destaca que padrões emocionais e comportamentais se repetem entre gerações, e quando fatores externos como precariedade econômica, violência, falta de acesso à educação, saúde física e mental e lazer estão presentes, esses padrões se intensificam, gerando maior vulnerabilidade à dependência e perpetuando ciclos de sofrimento familiar e social.

Experimentos como o Rat Park, conduzido por Bruce Alexander (2008), demonstram que o isolamento social e a ausência de ambientes enriquecedores aumentam drasticamente a propensão ao uso de substâncias. Em contextos humanos, bairros marginalizados expõem jovens à pobreza, violência e exclusão social, oferecendo poucas alternativas de integração, pertencimento e desenvolvimento pessoal, aumentando a vulnerabilidade à dependência química. Assim, intervenções centradas exclusivamente no indivíduo tendem a ser insuficientes quando ignoram o papel central do ambiente familiar, que influencia diretamente o desenvolvimento emocional, social e cognitivo, a escolarização, a inserção profissional e o acesso a cuidados em saúde, perpetuando ciclos de exclusão e risco de dependência ao longo da vida.

Conclusão

Portanto, conclui-se que a dependência química é um fenômeno multifatorial, influenciado por fatores biológicos, psicológicos e sociais, que se manifestam de forma intensa em contextos familiares disfuncionais. A transmissão intergeracional de padrões emocionais, comportamentais e traumas evidencia que a vulnerabilidade emocional é perpetuada entre gerações. Assim, intervenções devem considerar o indivíduo e seu ambiente familiar, promovendo vínculos saudáveis, regulação emocional e estratégias de prevenção para reduzir a repetição desses ciclos de sofrimento.

Agência de Fomento

FAPEMIG-Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

Referências

SCIELO. Caracterização das internações psiquiátricas para desintoxicação de adolescentes dependentes químicos. Revista Brasileira de Enfermagem, [S. l.], v. 63, n. 5, p. 729–734, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0034-71672010000500007. . Acesso em: 23 set. 2025.

SCIELO. Um estudo das relações interpessoais em famílias com farmacodependentes. Revista Brasileira de Enfermagem, [S. l.], v. 63, n. 5, p. 735–740, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0034-71672010000500007. . Acesso em: 23 set. 2025.

REVISTA DE APS. Consequências e dificuldades da dependência química no âmbito familiar: uma revisão de literatura. Revista de APS, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 1–10, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/15155. . Acesso em: 23 set. 2025.

SCIELO. Percepções de famílias de baixa renda sobre o uso de drogas por um de seus membros. Revista da Escola de Enfermagem da USP, [S. l.], v. 42, n. 2, p. 340–347, 2008. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-11692008000200019. . Acesso em: 27 set. 2025.